

INTEGRALISMO: o fascismo brasileiro em Santa Catarina

João Henrique Zanelatto

Doutor em História

Docente UNESC/Criciúma

RESUMO: A Ação Integralista Brasileira criada em São Paulo em 1932 rapidamente expandiu-se para todo o Brasil. Em Santa Catarina começou a ser organizado em 1934, seu crescimento deu-se principalmente nas regiões com maior concentração de imigrantes alemães e italianos e seus descendentes. No artigo pretende-se abordar o contexto sócio-político de instalação do Integralismo em Santa Catarina, a sua organização nos municípios catarinenses, a constituição dos núcleos e sub-núcleos. Aponta-se para o perfil integralista em Santa Catarina e as motivações desta grande aceitação da AIB em todo o estado. Destaca-se também a importância da imprensa na difusão da AIB.

PALAVRAS-CHAVE: Integralismo, Política, Santa Catarina.

Abstract: The action Brazilian Integralist created in São Paulo in 1932 rapidly expanded to the Brazil. In Santa Catarina began to be organized in 1934, its growth gave principally in the regions with major concentration of the Germans and Italians immigrants and theirs descendants. In the article intends to board the context socio-politics of the installation to Integralism in Santa Catarina, the its organization in the catarinenses municipalities, the constitution of the cores and sub-cores. Points to the integralist profile in Santa Catarina and the motivations of this big acceptations of the AIB in all state. To detach the importance to the printing press in the diffusion to the AIB too.

Key word: Integralism, Politic, Santa Catarina.

O integralismo, no contexto entre guerras, em plena década de 1930, avançava e se expandia para boa parte do território brasileiro. Em 1937, a Ação Integralista Brasileira contava com mais de um milhão de adeptos. (Monitor Integralista, 1937) Esse crescimento pode ser percebido quando fazemos um comparativo entre o número de inscrições efetuadas entre 1933 a 1937. Conforme o Monitor Integralista¹, (Monitor Integralista, 1937)

¹ Segundo GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 5, 1984, p. 17, a AIB possuía 600.000 inscritos em todo o

ao final de 1933, a AIB contava com vinte mil inscritos, em 1934, passou para cento e oitenta mil, em 1935, o número saltou para trezentos e oitenta mil, em 1936 chegou a novecentos e dezoito mil e, finalmente, em 1937, já havia mais de um milhão de pessoas inscritas. Mesmo que esses dados contenham um certo grau de exagero e possam ser contestados, não se pode negar o grande crescimento da AIB em todo o Brasil.

Em Santa Catarina, não foi diferente, pois *“apesar de se tratar de um Estado relativamente pequeno, no qual viviam apenas um milhão dos quarenta milhões de habitantes do Brasil, havia nele segundo estatísticas integralistas, o terceiro maior contingente de filiados à AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia”*. (GERTZ, 1987: 172)

Os estudos sobre o integralismo no Brasil parecem ganhar fôlego na década de 1970. Na historiografia brasileira, neste período observa-se uma quantidade significativa de obras tematizando a AIB. Quando se faz um levantamento dessa produção, constata-se a existência de um número razoável de trabalhos sobre o tema com as mais diversas perspectivas de abordagens. Encontram-se teses acadêmicas, ensaios e artigos produzidos em diferentes áreas do conhecimento. (TRINDADE, 1974. CHASIN, 1978. VASCONCELOS, 1979. CHAUI, 1978)

Na década de 1980 observa-se uma renovação nos estudos sobre a história política. Essa renovação pode ser percebida em diversos aspectos: os temas tradicionais, como os partidos, eleições, guerras ou biografias não foram abandonados, porém trabalhados em uma nova perspectiva, opinião pública, mídia ou discurso foram incorporados como novos objetos de análise; o contato com outras disciplinas como a sociologia, a antropologia, a lingüística, contribuíram para a produção de trabalhos sobre a sociabilidade, análise de discurso, ideologias, “mentalidades coletivas” e a cultura política. Acrescenta-se a isso que a nova história política

Preenche todos os requisitos necessários para ser reabilitada. Ao se ocupar com o do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central. (RÉMOND, 2003: 7)

Uma outra dimensão ocorrida na esteira desta renovação estava ligada à noção de paixão usada recentemente por Pierre Ansart, ao trabalhar com afetividade política, do Brasil. Já ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 25, ao colocar o integralismo como o primeiro partido de massa destaca que em 1935 havia 1.123 grupos organizados em 538 municípios com cerca de 400.00 adeptos distribuídos de norte a sul do país.

amor e do ódio, das emoções e dos sentimentos, que acompanham a vida política. Dos momentos de angústia e revolta ou de simpatia e afeição. (ANSART, 1997. SEIXAS, 2002)

Também na década de 1990, Jean-François Sirinelli percebeu, na emergência da nova história cultural, o ressurgimento da história política. A aproximação da cultura com a história política possibilitou a incorporação por esta última de novos objetos e recortes: são perspectivas de abordagens ligadas ao imaginário social e à representação. Segundo Sirinelli, a política vista a partir do universo cultural contribuiu para um maior entendimento da complexidade das relações sociais. (SIRINELLI, 1997)

Diante do exposto levanta-se a seguinte questão: em que medida a renovação dos estudos em torno da história política refletiu na produção historiográfica relativa ao movimento integralista? Pode-se inferir que esse processo de renovação teve pouca influencia nos estudos sobre o integralismo no período. Observa-se ainda que a renovação passou a exercer influencia somente no final dos anos de 1990, a partir de estudos de caráter regional.

Assim, esse processo de renovação e valorização da história política refletiu-se em trabalhos recentes de âmbito regional. As análises sobre integralismo em âmbito regional apontaram para várias peculiaridades e singularidades. No sul do Brasil, uma das regiões nas quais o integralismo teve grande aceitação, observa-se que o Rio Grande do Sul possui uma vantagem no que tange à quantidade de obras acadêmicas sobre a AIB, a diversidade de abordagens e o aprofundamento nas análises, quando comparados ao Paraná e a Santa Catarina.

Em Santa Catarina ainda são pouquíssimas as obras sobre a AIB, o que causa certa estranheza diante do fato que neste Estado havia o terceiro maior número de adeptos do país. Pode-se dizer que as duas obras referenciais sobre a temática no estado são as de Gertz e Falcão e recentemente a tese de Zanelatto. (GERTZ, 1987. FALCÃO, 2000. ZANELATTO, 2007) Os demais trabalhos encontrados sobre o Integralismo no estado abordaram a organização da AIB em âmbito municipal: sobre Joinville há uma dissertação de mestrado defendida na UFSC, (CAVALETT, 1998) sobre Jaraguá do Sul, dois livros, sendo que um faz uma descrição da AIB no município (SCHMOCKEL, 1997) e o outro é um romance. (SCHOROEDER, 2005) Os demais trabalhos são constituídos de monografias de graduação e especialização, e artigos científicos. Quanto ao sul catarinense, foi encontrada uma monografia de especialização e recentemente foram produzidos um artigo e duas monografias todas orientadas por este autor.

O integralismo começou a ser organizado em Santa Catarina a partir de 1934. Seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí e norte do estado, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente aos grupos políticos que estavam no poder do estado. Quanto ao sul catarinense, observa-se que a difusão do integralismo ocorreu não só entre os imigrantes e descendentes de italianos e alemães, mas também entre os luso-brasileiros aqui estabelecidos muito antes da chegada dos imigrantes europeus.

O crescimento do integralismo ocorreu dentro de um cenário de disputas e tramas ocorridas pelo espaço e pelo poder no pós-30 na política tanto no âmbito regional quanto local. Neste cenário, destaca-se o campo político, entendido como “*o lugar por excelência, da eficácia simbólica*”; a política é uma “*ação que se exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo, grupos*”. (BOURDIEU, 2002: 159) Em âmbito regional, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes do Vale do Itajaí e norte do estado vivenciaram uma série de enfrentamentos que denunciavam o jogo do poder. No Sul Catarinense os enfrentamentos e as disputas pelo poder se deram no âmbito local entre os imigrantes e os descendentes versus luso-brasileiros. Para além da ação político-partidária, a formação dos grupos dirigentes não se pode esquecer a dinâmica econômica e cultural específicas de cada região ou localidade.

Neste texto, pretende-se abordar a instalação do Integralismo em Santa Catarina, a sua organização nos municípios catarinenses: a constituição dos núcleos e sub-núcleos. Aponta-se para as motivações desta grande aceitação da AIB em todo o estado enfatizando que essa popularidade deu-se principalmente nas regiões de imigração européia: o Vale do Itajaí, o Norte do estado e também o Sul Catarinense. Destaca-se também a importância da imprensa na difusão da AIB. O estudo busca evidenciar a forte influência dos fascismos europeus em Santa Catarina na década de 1930.

O Integralismo em território barriga verde: sua organização nos municípios

Segundo René Gertz, a Ação Integralista Brasileira “*começou a estruturar-se em Santa Catarina no início de abril de 1934, quando por iniciativa de Othon Gama D Eça, Antonio Portini e Carlos Seabra, se constituiu o primeiro núcleo em Florianópolis*”. (GERTZ, 1987: 179) Com maior ou menor expressão, a AIB se organizou nos municípios de Blumenau, Joinville, Jaraguá, Rio do Sul, Brusque, Hamônia, Rodeio, São Bento, Timbó, Araranguá,

Canoinhas, Criciúma, Campos Novos, Itajaí, Florianópolis, Lages, Laguna, Cruzeiro, Curitiba, Itaiópolis, São Francisco, Palhoça, Caçador, Chapecó, Urusanga, Campo Alegre, Imaruí, Mafra, São José, Tubarão, Concórdia, Orleans, Jaguaruna, Porto União, Tijucas, Parati e São Joaquim. (LENZI, 1983: 122)

Já para Luiz Felipe Falcão, o integralismo começou a ser organizado a partir de janeiro de 1934, quando “*um pequeno grupo de homens reunidos em Itajaí, decidiu fundar um núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira*”. (FALCÃO, 2000: 123) Observa também que o integralismo chegou ao estado por diversos caminhos. A partir disso, traçou um perfil dos integralistas catarinenses, destacando três grupos: o primeiro formado por funcionários públicos militares ou civis, profissionais liberais, provinham de famílias conhecidas, gozaram de estabilidade financeira, estando entre a meia idade e a velhice, e se achavam desiludidos com os destinos do país no pós-1930. Muitos deles ocuparam os principais cargos na estrutura estadual da AIB. São representativos deste perfil Othon Gama D Eça, chefe provincial, José Vieira da Rosa, chefe “arquiprovincial”, Carlos Remor, líder da AIB em Laguna, e Juventino Linhares, secretário do núcleo de Itajaí. No segundo grupo, estavam os pequenos proprietários e funcionários públicos com funções não tão lucrativas quanto os primeiros, descendentes de imigrantes alemães e italianos, com idade entre 20 e 30 anos, desiludidos também com os rumos da política do país no pós-1930, influenciados pelos fascismos europeus e receosos com o avanço comunista. Neste caso, são representativos deste perfil: Aristides Largura (inspetor de ensino do governo estadual), Carlos Brandes (proprietário de farmácia), ambos eleitos prefeitos nas eleições de 1936, o primeiro em Joinville e o segundo em Timbó. E ainda Ricardo Gruenewaldt (também proprietário de farmácia), que foi eleito vereador e presidente da câmara de vereadores em Jaraguá do Sul.

Um terceiro perfil integralista, e mais numeroso, encontrava-se entre os pequenos proprietários urbanos e rurais, descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses ou de outras origens, estabelecidos principalmente no Vale do Itajaí e no nordeste e sul do estado. Esses pequenos proprietários possuíam muito mais pontos em comum do que diferenças. Isso porque as cidades eram pequenas, havia uma intensa relação comercial entre campo e cidade, e as formas de organização comunitária: igreja, escola, sociedades de atiradores, os salões de baile, “*reforçando a sensação de uma comunidade de interesses, pautada numa identidade de origem, num estilo de vida semelhante, e em aspirações e sonhos coincidentes*”. (FALCÃO, 2000: 130) Contudo, para o autor, essa identidade de origem pode ser questionada quando observada a procedência dos imigrantes em termos de lugar e época, evidenciando uma diferenciação econômica, política e social,

que avançava a passos largos. Pode-se acrescentar ainda as profundas diferenças no processo de colonização de Santa Catarina. As estruturas de poder em regiões como o Vale do Itajaí e do Sul do estado são muito diferentes.

Na perspectiva de Gertz, *“o integralista típico de Santa Catarina é uma pessoa jovem entre 30 e 40 anos em processo de ascensão social”*. (GERTZ, 1987: 197) Fundamenta seu argumento ao analisar o processo de crescimento industrial no estado, especialmente nas zonas de colonização. Aponta para uma relação de candidatos integralistas às eleições municipais de 1936 e seus opositores bem como os grupos ou as forças que os apoiavam. Destaca as funções e atividades econômicas que exerciam os respectivos candidatos. Assim, além da *“característica etária, pode-se constatar uma clara assimetria socioeconômica entre integralistas e seus adversários. O cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias, enquanto a liderança dos seus opositores era exercida pelos elementos economicamente dominantes”*. (GERTZ, 1987: 198)

De todo modo, tanto Falcão quanto Gertz não estão preocupados em propor um perfil definitivo dos grupos sociais que ingressaram na Ação Integralista Brasileira, e sim querem explicitar as motivações para a adesão.²² O que aproxima os dois autores é que o grande número de adeptos do integralismo são provenientes dos setores médios.

Em 1932 foi lançado o “Manifesto de Outubro”, que criou a Ação Integralista Brasileira. Esse documento sintetizou os princípios do Integralismo. Nele encontram-se as idéias-força do Integralismo: a inspiração cristã na concepção de universo e do homem, o nacionalismo (anticapitalista e anticomunista), o princípio da autoridade que envolve hierarquia, confiança e respeito, a crítica à organização dos partidos políticos, a questão social, a família e a nação, vinculados a um Estado forte; o município como conjunto das famílias e célula da nação, e, finalmente, o Estado Integral. Sintetizando, podemos dizer que o manifesto de 1932 propõe o municipalismo, o sindicalismo corporativista, o antifederalismo, o nacionalismo tradicional e espiritualista voltado para a modernização a partir dos instrumentos proporcionados pelo Estado “revolucionário”, o estado Integralista.

²² Sobre as motivações em nível nacional ver: TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. Em seus estudos Hégio Trindade destaca algumas motivações para a adesão ao integralismo: o nacionalismo, corporativismo, valores espirituais, anticomunismo, valores autoritários, anti-semitismo, oposição ao sistema político vigente, desenvolvimento do país e simpatia pelos movimentos fascistas europeus.

No manifesto de outubro de 1932, lançado por Plínio Salgado³³, o integralismo entenderia o município como algo especial para seus fins. “*O município é uma reunião de famílias*”, é a “*sede das famílias e das classes, será administrado com honestidade, será autônomo e estará diretamente ligado aos desígnios nacionais*”. (A Ofensiva, de 28 de janeiro de 1936, p. 10.) Esta origem do município centrada na família queria torná-lo autônomo em tudo o que dissesse respeito aos seus interesses peculiares. A família com suas virtudes e liberdade moral seria o sustentáculo dos municípios. Sua autonomia impediria a ingerência, a influencia de forças externas. Através da manutenção da autoridade moral do município, o integralismo conseguiria subordinar aos interesses da Região ou da Nação tudo aquilo que se relacionasse com serviços de caráter geral e técnico.⁴⁴ Vê-se aqui a importância dada à família na organização social e política da AIB. Esta certamente influenciou na difusão e criação dos núcleos e sub-núcleos municipais, pois diferenciando-se dos partidos tradicionais, na AIB todos os membros da família participavam na sua organização.

Quanto à estruturação do sigma em Santa Catarina, configurou-se a partir da criação dos primeiros núcleos (Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinvile, Lages), e, posteriormente, a chefia integralista dividiu o estado em várias regiões, e em cada uma dessas regiões havia um “governador regional”. Nessas regiões, (KUEHNE, 1943: 128) estaria o município ou os municípios em que o sigma estivesse organizado.

Regiões	Cidade ou Cidades
Especial	Florianópolis
1 ^a	São José, Palhoça, Biguaçu
2 ^a	Brusque, Nova Trento
3 ^a	Blumenau, Hamônia, Timbó

³³ Sobre a biografia de Plínio Salgado ver: TRINDADE, Héliogio. Integralismo,... ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução...*, p. 23; e FREITAS, Marcos César De. *O Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Ícone, 1998, p. 36. Já em 1911.

⁴⁴ A ausência de uma identidade nacional levou à percepção da necessidade de criação de uma consciência nacional homogênea. Ora, neste contexto o integralismo apresentava-se como o movimento que despertaria a nação em busca da sua identidade. O integralismo apresentava um programa que passaria pela criação da autoridade e do espírito de disciplina com organização de uma hierarquia social partindo da família e do município, passando pelo sindicato e pela corporação, alcançando as regiões chegando ao topo do estado e sua burocracia. A nação era desenhada em miniatura na organização do partido, antecipando a forma que a nação deverá assumir. CHAUI, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUI, Marilena e FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra CEDEC, 1978, p. 135-137.

INTEGRALISMO: o fascismo brasileiro em Santa Catarina – por João Henrique Zanelatto

4 ^a	Rio do Sul, Bom Retiro
5 ^a	Joinville, Campo Alegre, São Francisco, Parati
6 ^a	Jaraguá, São Bento, Mafra, Itaiópolis
7 ^a	Canoinhas, Porto União
8 ^a	Concórdia, Cruzeiro
9 ^a	Chapecó
10 ^a	Lages, São Joaquim
11 ^a	Araranguá, Criciúma, Urussanga, Nova Veneza
12 ^a	Tubarão, Orleans, Jaguaruna
13 ^a	Laguna, Imaruí, Imbituba
14 ^a	Itajaí, Camboriú
15 ^a	Caçador, Campos Novos, Curitibanos

É possível observar no quadro acima que a AIB estava organizada em praticamente todo o estado, pois dos quarenta e três municípios existentes na época, os integralistas já tinham núcleos e sub-núcleos em trinta e nove. Esse dado revela a rápida expansão da AIB pelo estado. Para o controle em todos esses municípios, a chefia provincial contava com uma estrutura hierárquica extremamente rígida formada por “*secretários provinciais de: corporações e serviços eleitorais, finanças, estudos, assistência social, propaganda, educação, cultura artística, imprensa, arregimentação feminina e Plinianos e o chefe de gabinete da chefia provincial*”. (KUEHNE, 1943: 129) E nos municípios o sigma procurou também implementar esta mesma estrutura através dos secretários municipais. Essas práticas faziam parte das organizações políticas que geralmente se estruturam hierarquicamente e criam estratégias para enquadrar eficazmente seus militantes.

A organização integralista, entretanto supera esta função meramente estrutural; além da estrutura vertical e rígida, sob o controle de organismo de enquadramento e socialização ideológica, a AIB incorporou uma nova dimensão capaz de transformar a organização na pré-figuração do Estado Integral. O tipo de organização, as relações entre o chefe e os diversos órgãos estabelecem as bases de uma estrutura estatal. Portanto, a organização da AIB é não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento da elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integralista. (TRINDADE, 1974: 18)

Essa rápida organização e difusão da AIB no Estado podem ser evidenciadas em três aspectos: 1) eleições para deputados federais e eleições para Assembléia Constituinte Estadual em 1934; 2) o Congresso Integralista em Blumenau em 1935; 3) as eleições municipais em 1936.

Quanto ao primeiro aspecto destacado acima os integralistas mesmo sendo criado em 1934 disputaram as eleições com seis candidatos para deputado federal e trinta e um para estadual. A AIB, mesmo estando em um processo de estruturação recente, conseguiu lançar um número significativo de candidatos para as eleições de 1934. No que tange às profissões dos referidos candidatos, percebe-se a participação dos mais variados setores da sociedade catarinense, desde operários a empresários, com uma preponderância dos setores médios. Nenhum destes nomes tinha expressão na política regional. O jornal *Anauê* de Joinville fazia a seguinte definição dos candidatos integralistas que concorreram nessas eleições:

“nenhum medalhão, nem nome conhecido. Todos, gente nova, gente que não se aluga, nem se vende e que colocou os interesses vitais da nacionalidade, muito acima das competições e dos interesses de indivíduos”. (*Anauê*, Joinville 13 de outubro de 1934. Ano I, n. 12.)

Realizadas as eleições, com uma vitória apertada do Partido Liberal sobre a Coligação Republicana, a AIB conseguiu obter 2.425 votos: “Apesar de os números sugerirem a insignificância do integralismo, ele se constituiu num fator decisivo para a correlação de forças”. (GERTZ, 1987: 179). Foram os votos da AIB que acabaram decidindo o pleito. Isso se explica na medida em que os votos recebidos pela AIB “foram obtidos, sobretudo em municípios onde os republicanos sempre tiveram muito apoio, como Blumenau (perto de 20%) e Brusque (perto de 30%)”. (FALCÃO, 2000: 144) Essas eleições demonstraram pela primeira vez em Santa Catarina a importância dos Partidos Políticos e da opinião pública⁵, pois durante toda a Primeira República a política no estado era controlada por um único partido dirigido por algumas famílias.

O segundo aspecto foi a organização nos dias 7 e 8 de outubro de 1935, do I Congresso Integralista das Províncias Meridionais realizado na cidade de Blumenau, quando ocorreu uma das maiores concentrações de camisas-verdes desde sua fundação. Participaram do Congresso delegações de 260 núcleos. O jornal *Anauê* estampava em suas páginas um quadro referente ao número de participantes no congresso e os transportes utilizados para chegarem em Blumenau. Conforme o jornal, os participantes foram transportados por 232 vagões com 56 passageiros, 3 aviões com 6 passageiros, 4 navios com 120 passageiros, 250 ônibus com 30 passageiros, 210 caminhões com 32 passageiros, 310 automóveis com 5 passageiros, 5 embarcações fluviais com 400 passageiros, 1.200 ciclistas, 100 carroças com 12 passageiros, 150 cavaleiros, e 300 pedestres totalizando 42.570 participantes no

⁵ Novos estudos sobre as eleições e sobre a importância da opinião pública começaram a surgir após a Primeira Guerra. “Percebe-se que uma eleição é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos”. RÉMOND, René. *Por uma História Política*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003. p. 40.

Congresso. (*Anauê*, Joinville, 19 de outubro de 1935, Ano II, nº 10.) Dados semelhantes a esses são encontrados também em Falcão.

Trazidas por 4 trens especialmente fretados, 250 ônibus (dentre os quais estava a frota da Auto Viação Catarinense, posta à disposição do Congresso) e 210 caminhões além de 318 carros, e um número não calculado de bicicletas, carroças e cavalos, elas passearam, comeram feijão com arroz e churrasco, preparados pela comissão organizadora, ouviram discursos, e sobretudo promoveram um impressionante desfile, com nítida feição militar, cuja cifras variaram de 25 mil a 42 mil integralistas. (FALCÃO, 2000: 144)

Os dados apontados revelam o nível de organização do AIB em todo o estado. A organização de um evento desde porte demandava recursos que foram conseguidos nos núcleos e sub-núcleos espalhados por todo o estado. A presença de representantes de 260 núcleos vindos das várias regiões do país congregando integralistas de diferentes grupos étnicos e credos certamente serviu ainda mais para fortalecer, e, pode-se dizer consolidar a difusão e a aceitação da AIB em todo o estado entre os setores médios e operários, tanto imigrantes e seus descendentes quanto entre os luso-brasileiros.

A organização e participação dos integralistas no evento foi publicizada por vários jornais integralistas e não integralistas. O jornal *Correio do Sul*, por exemplo, destacou em suas páginas a participação de muitos representantes de núcleos integralistas do Sul Catarinense no Congresso de Blumenau. “Participaram deste Congresso o Sr. Luiz Magalhães Medeiros, chefe municipal de Tubarão, José Sandrini de Orleans, Antônio Barzan, chefe distrital de Orleans, César Beletini, chefe distrital de Araranguá, José Paulino Barbosa, subchefe distrital de Parobé, acompanhados de muitos camisas verdes”. (*Correio do Sul*, 6 de outubro de 1935, nº 198, p. 3.) O núcleo de Criciúma enviou uma comitiva numerosa para participar do Congresso de Blumenau que foi liderada pelo chefe municipal Vanteiro Margot.

O terceiro aspecto, as eleições de 1936 são reveladores da grande difusão e aceitação da AIB por vários setores da sociedade catarinense. Isso ficou evidenciado nas eleições municipais de 1936, o Integralismo elegeu oito prefeitos, sendo dois deles nos maiores e mais ricos municípios do Estado na época: Blumenau e Joinville. Além disso, os integralistas lançaram candidatos para prefeito em praticamente todos os municípios do estado, e em alguns, mesmo sendo derrotados ocorreram disputas acirradas. No Sul do estado, por exemplo, os liberais venceram os integralistas com apenas 27 votos a frente. A disputa ainda mais acirrada ocorreu no município de Campo Alegre no Norte do estado, os integralistas foram derrotados pelos liberais por uma diferença de 6 votos. Foram eleitos também 72 vereadores em 23 municípios de todas as regiões do estado. Os resultados

dessa eleição colocaram a AIB na condição da segunda força política em Santa Catarina. (ZANELATTO, 2007)

A imprensa integralista também desempenhou um papel fundamental no processo de difusão e arregimentação de novos adeptos. No estado, a doutrina da AIB era difundida através de periódicos publicados em vários municípios. Em Joinville, os jornais integralistas eram o *Anauê* (1934-1937); o *Pliniano* (1935) e *Die Zukunft* (1934-1937); Florianópolis contava com dois jornais integralistas, o *Flama* (1935) e o *Flama Verde* (1936-1938); em Blumenau apenas um, foi constatado, o *Alvorada* (1935-1937); em Jaraguá do Sul, O *Jaraguá* (1934-1938); em Lages, o *Mocidade*, (1935); e em Laguna *A Voz do Sul* (1935).

Dos periódicos acima citados, *Die Zukunft* está com uma coleção muito precária. O *Flama*, *Mocidade*, o *Pliniano* e *A Voz do Sul* não foram localizados. Sabemos de sua existência, pois eles aparecem citados em outros periódicos não integralistas. É o caso de *A Voz do Sul*, representante do sigma em Laguna, teve seu lançamento amplamente divulgado no *Correio do Sul*.

Surgiu terça feira finda, o primeiro número semanário *A Voz do Sul*, órgão do movimento integralista nesta região. Esse jornal, obedece à direção dos inteligentes jovens, Nunes Varela, acadêmico de Direito; e Aurélio Grott, secretário do Ginásio Lagunense. Quando foi nesta cidade, da fundação desse hebdomadário, discursaram em sua redação os Srs. Jornalista Jan Guedes, Antonio Guimarães Cabral e o acadêmico Armando Calil. O Sr. Nunes Varela agradeceu comovido, em nome de seus companheiros de trabalho, todas as homenagens prestadas pelos visitantes, naquele dia de vitória e de contentamento para os integralistas. (*Correio do Sul*, Laguna, 21 de julho de 1935)

A AIB também contava com vários periódicos simpatizantes do movimento, neles difundiam a sua doutrina e teciam críticas aos seus adversários, principalmente os comunistas. Entre estes periódicos estavam *O Farol* (1934-1936), Itajaí, *O Progresso* (1934-1937), Brusque, *Jornal de Joinville* (1934-1937), *Joinvillenser Zeitung* (1934-1937), Joinville, *Blumenauer Zeitung* (1934-1937), Blumenau, o *Correio do Sul* e o *Albor* em Laguna. O apoio que o sigma encontrou nesses periódicos, em alguns casos, extrapolava o espaço de divulgação da doutrina, pois em Laguna “os números da *A Voz do Sul*, órgão do movimento integralista local, serão conforme contrato estabelecido, impressos nas oficinas gráficas” do jornal *Correio do Sul*, “sendo porém a sua redação e administração na praça Conselheiro Mafra nº 33”. (*Correio do Sul*. Laguna, 28 de julho de 1935) Esses periódicos integralistas e de apoio foram significativos no processo de expansão do sigma no estado.

Procurou-se demonstrar o processo de implantação da AIB no estado ocorrido a partir de 1934, sua rápida estruturação nos municípios, os vários periódicos fundamentais na difusão e arregimentação de simpatizantes e militantes, bem como os setores nos, quais a ideologia integralista teve maior penetração. Ao demonstrar o rápido crescimento da AIB em Santa Catarina fica evidenciada uma cultura política extremamente conservadora no Estado.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Beatriz Raize T. de. *O facismo italiano e o integralismo no Paraná no período entre guerras (1919-1945)*. 2003. Monografia de Graduação.
- ANSART, Pierre. *Lês Cliniciens des passions politiques*. Paris: Senil, 1997.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BARRERAS, Maria J. Lanziotti. *Dario de Bittencourt 1901-1974. Uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998.
- BRANDALISE, Carla. *O facismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992, Dissertação de Mestrado.
- BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: nota sobre a ação do facismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero- Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 247-268, dezembro de 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomáz, 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, Dissertação de Mestrado.
- CALIL, Gilberto G. *O integralismo no pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001.
- CASSOL, Ivone Maria. Integralismo e imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937). In: TRINDADE, Hélijo. *Revolução de 30: partido e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

- CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra CEDEC, 1978.
- CHAVES, Niltonci Batista. *O diário dos campos: discursos e representações sociais em Ponta Grossa (Paraná) década de 1930*. Assis, 1998. Dissertação de Mestrado.
- CHAVES, Niltonci Batista. A saia verde está na ponta da escada!:_as representações discursivas do diário dos Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*. vol. 4, n. 1, 1999.
- CAVALETT, Lauci Aparecida. *O Integralismo e o Teuto Brasileiro: Joinville, 1930-1938*. Florianópolis, UFSC, 1998, Dissertação de Mestrado em História.
- DITZEL, Carmencita de Holleben M. *Manifestações autoritárias: o integralismo nos campos gerais (1932-1955)*. Florianópolis, UFSC, 2004, Doutorado em História.
- FREITAS, Marcos César De. *O Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Ícone, 1998.
- FUCK, Márcia Allage; e SACHWEH, Maria da Salete. As interferências do movimento integralista na formação do homem de Canoinhas. *Revista de Divulgação Científica da Universidade do Contestado, Caçador (SC)*, v. 12, n. 2, p. 218-219, dez/2003.
- GABRIEL, Rosa Maria C. *O integralismo no rio Jundiá*. Criciúma: Unesc, 1993, Monografia de Especialização.
- GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 5, 1984.
- GERTZ, René. O integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991.
- GERTZ, René. Nazismo, facismo, integralismo e o apoio da oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo. *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, julho de 1998.
- GHISLANDI, Chailene N. *Os camisas verdes na colônia de Nova Veneza na década de 1930*. Criciúma: Unesc, 2004. Monografia de graduação.
- HARTMANN, Silvia. *Os joinvilenses e a ação integralista brasileira nos anos de 1934 a 1936*. Joinville: UNIVILLE, 2002. Monografia de graduação.
- IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

- KUEHNE, João. *O punhal nazista no coração do Brasil: o integralismo nazi-fascista em Santa Catarina*, p. 128.
- LENZI, Carlos Alberto S. *Partidos e políticas de Santa Catarina*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983.
- LOBMANN, Helena. O integralismo na comunidade de São Carlos. In: HASS, Mônica (org.) *Partidos eleições e voto*. Chapecó: Argus, 2003.
- MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: Pucrs, 2003, Dissertação de Mestrado.
- PESAVENTO, Sandra J. *O imigrante na política rio-grandense*. In: DACANAL, José H. GONZAGA, Sérgio. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- PISTORELLO, Daniela. “Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRIS, 2001, Dissertação de Mestrado.
- RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 7.
- SABINO, Anselmo Teles; e GHISLANDI, Chairlene Nuernberg. A ação integralista no Sul de Santa Catarina na década de 1930. *Tempos Acadêmicos: Revista do Curso de História: Unesc. Criciúma*, n. 2, 2004.
- SABINO, Anselmo Teles. *As fileiras do integralismo em Araranguá (1934-1938)*. Criciúma: Unesc, 2005. Monografia de graduação.
- SEIXAS, Jacy, A. BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (org.). *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.
- SCHOROEDER, Carlos Henrique. A rosa verde. Florianópolis: Ed. da UFSC; Jaraguá do Sul: Ed. da UNERJ, 2005.
- SCHMOCKEL, Eugênio Victor. *Memória Jaraguense: o integralismo. O “Estado Novo” – 60 anos. “A noite dos tambores silenciosos” e o Assassinato de Ricardo Gruenwaldt*. Jaraguá do Sul: Gráfica Editora, 1997.
- SZVARÇA, Décio e CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto verde em Curitiba. *História: questão e debates*. Curitiba, APAH, jun-dez, 1989.
- SIRINELLI, Jean-François. L’Históri Politique et culturelle Sciences Humaines. *Hors Série*, nº 18, sep/oct 1997.
- SILVA, Carla Luciana da S. CALIL, Gilberto G. *Velhos integralistas: a memória dos militantes do signo*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2000.
- TANINI, Veridiana M. *Relação de amor e ódio: o caso Wolfran Metzler (Integralismo, PRP e igreja católica 1932-1957)*. Passo Fundo: Ed. Universidade Passo Fundo, 2003.

TRINDADE, Héglio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (org.) *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, Porto Alegre: UFRGS, 1974.

UNGER, Beatriz Garcia. *Joinville: uma ideologia em marcha*. Joinville, 1989, Monografia de Especialização. *O Integralismo em Blumenau: histórico e estatística: Blumenau em Cadernos*. Blumenau: v. 40, n.11/12, nov/dez 1999. p. 26-44.

VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

WAHLE, Sigfried Carlos. O integralismo no Vale do Itajaí. *Blumenau em Cadernos*: v. 39, n. 02, fev 1998, p. 33-37.

WERLE, Marcelo. *Aspectos básicos da formação política integralista em São Carlos*. Caderno de CEOM. Chapecó: Grifos, 1996.

ZANELATTO, João Henrique Zanelatto. *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto Alegre. PUCRS, 2007. (Tese de Doutorado em História).

Fontes:

Correio do sul, Laguna, 21 de julho de 1935. Ano IV, nº 187, p. 3.

Correio do sul. Laguna, 28 de julho de 1935. Ano IV, n.188.

Correio do Sul, 6 de outubro de 1935, nº 198, p. 3.

Anauê, Joinville 13 de outubro de 1934. Ano I, n. 12.

Anauê, Joinville, 19 de outubro de 1935, Ano II, nº 10.

MANIFESTO de outubro de 1932. Transcrito de *A Ofensiva*, de 28 de janeiro de 1936.

Recebido em: 19/03/2011

Aprovado em: 22/05/2011